

Integração da América Latina



“FILHO NOSSO”
Lula na comemoração do aniversário de quinze anos do Foro de São Paulo, grupo que ele ajudou a fundar

SERIAM APENAS COINCIDÊNCIAS?

No caso do conflito entre Colômbia e Equador na semana passada, Lula e o governo tiveram atitudes soberanas, tomadas de acordo com a tradição da diplomacia brasileira e com os interesses nacionais. Mas nem sempre é assim. Outras posições do governo sugerem graus variados de influência negativa dos radicais do Foro de São Paulo

QUESTÃO	TROCA DE PRISIONEIRO ENTRE A COLÔMBIA E AS FARC	PLANO COLÔMBIA
DO QUE SE TRATA	Proposta de libertar alguns dos mais de 700 seqüestrados pelas Farc em troca de integrantes da organização terrorista presos na Colômbia	Projeto americano de 4,5 bilhões de dólares destinado a ajudar a Colômbia a combater o narcotráfico
POSIÇÃO DO FORO	Condiciona a troca de prisioneiros à criação de uma zona desmilitarizada no oeste colombiano e condena o resgate “por via militar” dos seqüestrados pelas Farc	É contra. Considera a iniciativa uma ingerência dos Estados Unidos, cujo real intuito seria exterminar as Farc
POSIÇÃO ADOTADA PELO GOVERNO BRASILEIRO	Apóia a criação de uma zona desmilitarizada, defende a troca de prisioneiros e condena o resgate “por via militar” dos seqüestrados pelas Farc	Contrária ao plano
GRAU DE ADESAO AO FORO	Total	Total

O LADO B DA DIPLOMACIA

No auge da crise Colômbia-Ecuador, enquanto o governo brasileiro se empenhava na tentativa de baixar a temperatura, o assessor da Presidência da República Marco Aurélio Garcia se esforçava para elevá-la. Em entrevista ao jornal francês *Lê Figaro*, o encarregado de Lula para assuntos internacionais eiogiu o envio de tropas pela Venezuela e pelo Ecuador à fronteira com a Colômbia, fez cafuné nas Farc ao dizer que o Brasil não classifica a organização como terrorista, mas tem uma posição "neutra" em relação a ela, e cobrou (mais) desculpas de Bogotá pela invasão do território equatoriano. Ao deixar Marco Aurélio morde em público, enquanto assopra nos bastidores, Lula exercita seu conhecido estilo ambíguo: age pragmaticamente com correção, mas não deixa de fazer umas embaixadinhas para a platéia. Nesse caso, uma platéia nacionalista, castrista, chavista e simpática à narcoguerrilha, que tanto o presidente quanto Marco Aurélio conhecem muito bem.

Em 1990, inspirados por Fidel Castro, Lula, então presidente do PT, e seu hoje assessor especial fundaram o Foro de São Paulo, grupo que reúne partidos e organizações latino-americanos de esquerda em torno de três ideologias: o antiamericanismo, o nacionalismo de cunho autoritário e a solidariedade à Cuba castrista- Criado para

O Brasil fez tudo certo na crise atual, mas participa de foro que inclui as Farc e segue orientações do grupo

Naiara Magalhães

ser uma base de influência do PT na América Latina e demonstrar apoio a Fidel, o Foro incluía — e ainda inclui — entre seus participantes representantes das Farc e do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), do Chile. É exagero dizer que o Foro de São Paulo pauta a política latino-americana na última década. Mas é fato que muitas das posições defendidas pelo Foro são adotadas em parte ou no todo por governos de esquerda no continente. O próprio governo Lula tem atitudes que sugerem a influência em graus variados, dos radicais do Foro — esse "filho nosso", como Lula chamou a entidade no discurso que fez em 2005, em São Paulo, em comemoração a seus quinze anos de existência.

Para o sociólogo Demétrio Magnoli, o Foro de São Paulo não tem caráter operacional, está longe de definir as diretrizes da política externa brasileira, ou latino-americana, e perdeu seu sentido original, que era ostentar apoio ao regime cubano num momen-

to em que o Muro de Berlim ruía e a União Soviética estava com os dias contados. Ainda assim, permanece como um palco conveniente para que Lula exercite sua retórica esquerdista e se fortaleça perante sua base política mais radical. A relação de Lula com o Foro, diz o sociólogo, é mais uma mostra da duplicidade de orientação que caracteriza a política externa brasileira, que tem como corolário uma série de "omissões vergonhosas" da parte do governo petista. Exemplifica Magnoli: "Por causa dessa política ambígua de Lula, o Brasil condena os seqüestros e assassinatos cometidos pelas Farc, mas não diz que a organização é ilegítima. Posa de mediador nas crises, mas não critica o fato de Chávez interferir na política interna da Colômbia nem repreenhe o uso de territórios da Venezuela e do Ecuador pelos guerrilheiros". Até agora, sempre que defronta com uma situação-limite na América Latina, como a crise da semana passada, Lula tem feito a coisa certa e falado (além de deixar falar) tolices inspiradas pelos documentos do tal Foro de São Paulo. Ainda bem que a ação é mais forte que a palavra. Ao agir com sabedoria e comedimento, Lula contribui, talvez até sem querer, para distanciar ainda mais sua imagem da de Hugo Chávez, o fanfarrão venezuelano.

APOIO ÀS FARC	RETIRADA DAS TROPAS DO HAITI
 <p>Desde que assumiu a Presidência da Colômbia, em 2002, Álvaro Uribe pede aos países da América Latina que reconheçam as Farc como uma organização terrorista</p> <p>Não só admite as Farc como um de seus membros como não as considera um grupo terrorista, mas "guerrilheiro"</p> <p>Condena os crimes cometidos pelas Farc, mas se recusa a classificá-las como organização terrorista</p> <p>Médio</p>	 <p>Desde 2004, o Brasil lidera uma missão de paz da ONU, hoje com 1300 soldados, com o objetivo de ajudar a estabilizar o Haiti</p> <p>Pela retirada das tropas</p> <p>Decidiu manter as tropas</p> <p>Zero</p>